

**PATRIMÔNIO** Desde 2013, segundo a gestão municipal, foram gastos cerca de R\$ 3 milhões na restauração de 74 obras

## Vandalismo causa danos financeiro e histórico



Parte da lança do monumento de Zumbi dos Palmares, na praça da Sé, foi roubada este ano

Fotos: Adilton Venezer/Ag. ATARDE

### HENRIQUE ALMEIDA\*

"Qual é a sua idade, meu jovem?", pergunta a aposentada Maria Silva, 68 anos. "Vinte e dois", responde o repórter. "Então você já deve entender que um povo que ignora e agride o próprio passado não pode ter futuro. E ainda que tenha algo chamado de futuro, cometerá os mesmos erros do passado". Com essas palavras, Maria demonstra tristeza com o roubo de parte da lança do monumento de Zumbi dos Palmares, na praça da Sé.

O fato aconteceu no início de janeiro deste ano e engrossa a lista de casos de roubos e atos de vandalismo a monumentos históricos de Salvador. De acordo com a prefeitura, desde 2013, foram gastos cerca de R\$ 3 milhões na restauração de 74 obras na cidade.

Na lista de roubos incluem-se os bustos em bronze do cineasta Glauber Rocha, nos Dois Leões, do Padre Antônio Vieira, na rua do Tesouro e partes do monumento ao Dois de Julho, que deve ser restaurado após o Carnaval.

Sem contar as depredações nas obras de Mário Cravo, na sede dos Correios, as agressões ao monumento de Jorge Amado, no Imbuí, pichações no busto de Edgard Santos, no Cabula. Este último é usado como banheiro público por alguns transeuntes.

Segundo as fontes ouvidas por A TARDE, os problemas principais da questão giram em torno de dois eixos: falta de políticas de educação patrimonial e a fiscalização de segurança e monitoramento das obras.

### Causas

Idealizadora do monumento de Zumbi dos Palmares, a escultora Márcia Magno acredita que a situação faz parte de um problema amplo que envolve falta de educação patrimonial, sentimento de pertencimento e consciência coletiva.

"Isso é desanimador para o artista e para a sociedade, além de doer bastante. É questão de educação primária. As pessoas roubam para vender o material em bronze. E quem compra sabendo a procedência não é uma pessoa séria. É um problema enraizado na sociedade. Um absurdo e falta de respeito para com aquilo que o indivíduo

pensa que não pertence a ele", indigna-se Márcia.

De acordo com a diretora de patrimônio e humanidades da Fundação Gregório de Mattos (FGM), que administra 150 monumentos, Milena Tavares, tudo indica que a ação é realizada por pessoas em situação de vulnerabilidade e dependência química. "São pessoas em risco social, que sofrem por questões diversas e vivem em extrema pobreza. Sabemos que nessa situação elas não ouvem e não reagem às ações educativas", conta.

### Apoio

Milena destaca a ação da Secretaria de Promoção Social (Semps). "Em diálogo com eles [Semps], nos foi dito que é oferecida ajuda e tratamento a essas pessoas, mas elas precisam aceitar a ajuda, pois não se pode obrigá-las".

Para o estudante Gustavo Farias, 24 anos, as pessoas em vulnerabilidade social são as acusadas visíveis e óbvias. No entanto, ele destaca que há grupos intolerantes, que possuem consciência de um determinado monumento, mas o agride por não aceitá-lo enquanto registro histórico e simbólico.

"O que falar da questão da Pedra de Xangô? [foi jogado] sal grosso no monumento, que fica em Cajazeiras. Aquilo ali é intolerância religiosa. Duvido que seja coisa de pessoas em situação de rua", brada Gustavo. O caso é investigado pelo Ministério Público, que não respondeu à reportagem até o final desta edição.

O restaurador José Dirson Argolo afirma que o poder público precisa educar a população, para evitar o que ele considera avanço do vandalismo e dos roubos. Ele lembra o caso do monumento Riachuelo, no Comércio, restaurado no ano passado.

"Entregamos a restauração no sábado. Na segunda-feira, recebemos ligações por causa de tentativas de roubo de peças. Um monumento de porte pequeno pode custar R\$ 70 mil. Tudo depende do grau de conservação e nível do dano", revela o especialista. A TARDE entrou em contato com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), mas não obteve retorno.

\* SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA



Depredação também foi registrada em obra de Mário Cravo na sede dos Correios

Gilberto Júnior / Ag. A TARDE



Agressões ao monumento de Jorge Amado, Imbuí, já foram reparadas pela prefeitura

## Falta plano de segurança específico

Em Salvador não existe um projeto específico que englobe a segurança dos monumentos da cidade. Milena Tavares afirma que solicitaria ao Centro de Operações e Inteligência 2 de Julho a instalação de câmera de monitoramento na Praça da Sé.

Questionada se a ação poderia se estender às peças do patrimônio da cidade, Milena informou que não teria como afirmar, pois a ação é realizada pela Secretaria da Segurança Pública (SSP). Por sua vez, o órgão estadual informou que não existe um plano específico e que possui câmeras de monitoramento

nas principais vias da cidade, estando de forma indireta ou por meio das redes de câmeras.

"É brincadeira um negócio desse? Não há um alarme, não há câmera e até no metro quadrado mais seguro da cidade, que é a região do Pelourinho, roubam partes do monumento. Não dá para colocar um guarda em cada monumento, mas poderíamos colocar câmeras", diz, em nota.

Em 2017, 12 pessoas foram flagradas pela Guarda Municipal realizando depredação do patrimônio público. Em 2018, foram nove flagrantes.

que realiza patrulhamento preventivo em toda a cidade e utiliza o sistema de monitoramento de câmeras. "A exemplo do monumento do Morro do Cristo, que possui vigilância eletrônica 24 horas. O sistema de patrulhamento, por meio de veículos e motos, com paradas programadas nas diversas praças e áreas públicas, auxilia nas ações de fiscalização", diz, em nota.

Em 2017, 12 pessoas foram flagradas pela Guarda Municipal realizando depredação do patrimônio público. Em 2018, foram nove flagrantes.

## Especialista defende uma cidadania patrimonial

Tão importante quanto a educação patrimonial é o estabelecimento de uma cidadania patrimonial. É nisso que acredita a historiadora e professora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) Maria das Graças de Andrade.

"No Brasil, não existem políticas desenvolvidas para a cidadania patrimonial. O maior patrimônio que possuímos é a vida. Mas a vida não se resume apenas a comer e trabalhar, mas às relações que estabelecemos com o ambiente, o espaço público, o social, a história e com a nossa cultura. Todos esses elementos fundamentam a nossa existência como ser humano", afirma.

Ela ainda destaca que há intenções de órgãos, como o Ipac e a FGM, mas ainda de forma residual. "Se as escolas investissem nessa temática, poderíamos dar um grande passo nesse sentido".

Por sua vez, Milena Tavares afirma que nove escolas municipais participaram da ação #Reconectar, englobando 280 alunos do fundamental II, ação que instalou 55 placas de QR Code em monumentos da cidade que trazem informações sobre a obra. De acordo com Milena, a ideia é estimular o interesse pelos monumentos por meio da tecnologia.

"A proposta visa dar visibilidade e oferecer uma experiência lúdica ao jovem visitante, aproveitando a ação para apresentar a história da cidade e para destacar a importância de preservar esses bens culturais", diz.

Outra atividade desenvolvida pela FGM é a ação "Patrimônio é...", programa de atividades de proteção e estímulo à preservação dos bens materiais e imateriais do município. Entre 2017 e 2018, foram 19 encontros.

"Não há fiscalização, falta segurança. Ainda não roubaram a estátua de Castro Alves, porque é pesada. O Estado deve assumir a responsabilidade desse processo coletivo. As obras de arte são reflexo da cultura de um povo", disse o artista plástico, escultor e pintor Juares Paraiso.